



## ENSINO SUPERIOR

# Católica Porto reformula 'executive' masters'

Responder às solicitações do mercado foi o mote, explicou Ana Côte-Real, directora executiva.

Quatro anos depois de última remodelação, a Católica Porto Business School tem em execução um novo plano para os seus cursos de 'executive masters'.

A intenção, como disse ao Económico a directora executiva da escola, Ana Côte-Real, "é procurar dar resposta a três questões fundamentais: relevância, pedagogia e flexibilidade".

O primeiro segmento resulta da necessidade – cada vez mais imperiosa em qualquer escola de altos estudos de economia – de a Católica adaptar o seu figurino à procura das empresas, que são, em última análise, os principais clientes e promotores, e também parceiros da instituição, como salientou Ana Côte-Real.

No que diz respeito ao segmento da pedagogia, foi necessário "reavaliar a dinâmica das aulas, os métodos de avaliação e os materiais de estudo", sempre no sentido de ajustar as metodologias da escola com o mundo exterior, crescentemente competitivo – não apenas em relação ao que faz a concorrência, mas também ao que é exigido no mundo das empresas.

Quanto à flexibilidade, a Católica "mantém uma lógica modular que permita ao aluno seleccionar o seu percurso de formação, quer do ponto de vista do conteúdo, quer do 'timing'". Um factor importante e muitas vezes determinante, dado que a maioria dos estudantes dos escalões superiores de formação está já inserida no mercado de trabalho. Nesse quadro, salientou Ana Côte-Real, "é aos alunos que compete construir o seu próprio percurso, somando créditos nas áreas que mais lhe convêm, dentro do seu próprio 'timing'". Na área dos 'executive masters', segundo aquela responsável, os três trimestres costumam ser, em média, concluídos em 18 meses – mas nada impede que, em resposta a uma necessidade pessoal, um aluno estenda o seu período de inserção na universidade por três anos.

## Estratégia em vez de técnica

A remodelação resultou "de um estudo de mercado realizado entre alunos, ex-alunos, alunos potenciais e empresas" e segue no sentido de "reforçar a filosofia da Católica Business School, segundo a qual a formação executiva deve induzir reflexão estratégica e menos o saber fazer técnico". Isto sem que a Católica deixe de ministrar cursos que vão precisamente ao encontro desses saberes técnicos – mas o certo é que, afirmou Ana Côte-Real, são as próprias empresas que carecem de quem assegure visões abrangentes, de 360 graus.

No próximo ano escolar, a Católica vai proceder a uma remodelação semelhante ao nível dos MBA – a Atlântico e o Internacional – que passará também pela revisão dos conteúdos.

Para além dos MBA e do 'executive masters', a Católica do Porto assume ainda posição importante na formação 'in-company', que tem sido uma das áreas mais procuradas pelas empresas. Mas, salientou Ana Côte-Real, ao invés de procurar mais empresas, a escola está interessada em "aprofundar o trabalho com as que já estão com a Católica do Porto". E neste âmbito, o leque de escolhas é muito variado, indo desde os 'primitivos' master schools, até iniciativas de imersão total "onde os alunos estão juntos 24 horas por dia, não apenas indo às aulas, mas também indo a eventos e acontecimentos sociais". Neste caso particular, o que a escola pretende é, para além das componentes técnicas e de estratégia, 'formar' a componente comportamental – ou seja, as 'soft skills', a que estudos recentes atribuem cada vez maior preponderância, nomeadamente em termos de alta gestão.

Todas estas movimentações 'internas' devem-se também ao facto – que Ana Côte-Real não escamoteia – de ser possível verificar-se alguma retracção do mercado face à disponibilidade (financeira e de tempo) que as empresas portuguesas demonstram ter para 'gastar' com os seus colaboradores. Em tempos de crise, a Católica preocupou-se em dar resposta rápida às novas condições do mercado. ■ António Freitas de Sousa



Ana Côte-Real, directora-executiva da Católica Porto Business School.